

Calvino e a Educação

RUTE SALVADOR

Professora

Agrupamento de Escolas Pedro Eanes Lobato

Pastora estagiária

Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

Introdução

Mais uma vez, surge a oportunidade de estar aqui e de partilhar convosco um pouco do que tenho aprendido a propósito de Calvino e desta herança reformada que faz parte da minha formação e que está presente, ainda que muitos não o saibam, em muito do que é a nossa sociedade actual.

Calvino foi, provavelmente, a pessoa que mais influência teve na profunda mudança dos sistemas educativos europeus – se é que assim já podiam ser chamados – a partir do século XVI. Mudou métodos, perspectivas, paradigmas, lançando bases que, atrever-me-ia a dizer, ainda hoje sustentam muito do que é a educação (leia-se sistema educativo) na sociedade do século XXI. É dele a concepção e concretização do ensino gratuito, obrigatório e universal, uma novidade no seu tempo, um dado adquirido para nós, mas uma luta, ainda, em muitos locais do globo.

Para compreendermos os motivos e a dimensão destas mudanças, convém lembrar um pouco do que era o sistema educacional na Idade Média, por um lado, e, por outro, recuperar algumas das convicções de Calvino que o conduziram a um tão grande investimento na área da educação.

A Educação na Idade Média

O sistema existente durante a Idade Média tinha, na sua génese, Tomás de Aquino, dividindo-se o estudo em duas áreas distintas. A primeira delas, que assentava em muito do que foram as ideias de Aristóteles, abrangia o que se considerava como dependente do uso da Razão. Incluía, por exemplo, o estudo da filosofia e da natureza (ciên-

RUTE SALVADOR – Calvino e a Educação

cias naturais). A outra área destinava-se à teologia cristã, ao conhecimento que dependia da Graça, ou seja, o que dizia respeito à fé e a Deus.

Ora, a função primeira da educação tomista era a preparação de homens para a Igreja e para as cortes. Aqueles (poucos) que tinham acesso à educação aprendiam gramática latina, retórica e lógica (*trivium*), depois aritmética, geometria, astronomia e música (*quadrivium*) e, finalmente, optavam por uma formação final numa de três áreas: Teologia (área onde, contrariamente ao que poderíamos pensar, não era grandemente acentuada a preparação para a pregação ou para a administração dos sacramentos), Direito ou Medicina (Campos, 2000).

No fim da Idade Média, o pensamento humanista veio alterar esta matriz, direccionando o pensamento educacional para as coisas que dependiam da Razão, que eram “deste mundo”, relegando para segundo plano, ou mesmo ignorando, a essência ou os significados “universais” que lhes estavam associados. De alguma forma, é o reflexo da redescoberta dos escritores clássicos, das obras da Grécia e de Roma antigas, cuja influência se opõe à cosmovisão tomista medieval.

E aqui surgem duas tendências para o desenvolvimento da educação. A primeira, puramente humanista, em que Deus é excluído e que encontrará um momento alto, no século XVIII, com Jean Jacques Rousseau e a sua visão da criança como uma “tábua rasa”, em que tudo se pode escrever e moldar; a segunda, que acompanha o movimento da Reforma, e que assenta no desejo de um cristianismo mais bíblico, numa fé mais informada e no pensamento crítico, onde o conhecimento e o estudo eram essenciais.

A Educação em/com Calvino

Calvino, no seu percurso pessoal, nomeadamente na Universidade de Paris, estudou dentro das velhas e das novas tendências educacionais. Quando, finalmente, foi para a Universidade de Orléans, recebeu uma forte influência do humanismo do seu tempo. Melchior Wolmar, Guillaume Budé e Lefèvre D’Etaples foram alguns dos mestres de Calvino nesta nova abordagem educacional e “geraram” vários dos educadores que foram alavancas das mudanças que se seguiriam.

Em Estrasburgo (antes de voltar a ser chamado a Genebra), com Johannes Sturm, Calvino deu aulas num sistema educacional cujo lema era “piedade sábia e eloquente”, ou seja, que defendia que a verdadeira piedade não poderia florescer, desenvolver-se, na ignorância. O sistema

existente nesta cidade tinha Jardim de Infância, para crianças até aos 6 anos, Ginásio (dos 6 aos 15 anos de idade) e Academia (para maiores de 16 anos), onde se estudava grego, hebraico, filosofia, matemática, física, história, direito e, claro, teologia (Campos, 2000).

Este modelo foi levado para Genebra por Calvino, a quem a máxima que já referimos motivou grandemente. E é aqui que encontramos Calvino, o teólogo, o pregador, o jurista, o mestre e, por que não dizê-lo, o filósofo da educação.

É verdade que Calvino ficava chocado com a ignorância que, para ele, era a mãe da heresia. A ignorância generalizada que encontrou em Genebra era, para ele, um problema que originava muitos outros.

A questão da educação em Calvino, na verdade, emerge da sua proposta teológica em que o Homem, devidamente instruído, poderia ser iluminado pelo Espírito Santo e chegar ao conhecimento de Deus, razão de ser do próprio Homem. À luz desta primícia, todos deveriam ser instruídos, educados, mas de uma forma holística. Por outras palavras, todos deveriam passar por uma educação “transformadora, vivencial, humana, coerente com as Escrituras, aberta à revelação do Espírito Santo e voltada para a sua glorificação” (Greggersen, 2003). Aliás, temos de manter presente a ideia de que, em Calvino, tudo deve ser feito para glória de Deus: na igreja, na sociedade, na vida.

Dito de outro modo, a educação não existe como um fim, mas como uma condição essencial ao conhecimento da verdade que liberta, ao conhecimento de Deus.

Basicamente, para Calvino não bastava que aqueles que divulgavam a doutrina, que a ensinavam ou pregavam, fossem instruídos. A inteligência e o conhecimento da população que escutava e aceitava esta doutrina era fundamental. E esta é, talvez, a primeira razão que se pode apontar para um tão grande investimento de Calvino na educação das massas: todo o povo, de todas as idades, devia ser instruído, para poder compreender o que lhe era ensinado e para se aproximar do conhecimento de Deus. E aqui, surge a inovação: o ensino passou a ser gratuito, obrigatório e universal, pela primeira vez.

Um segundo aspecto que preocupava Calvino e que o pode ter motivado para este investimento na instrução do povo, é o próprio sistema presbiteriano de governo da igreja, que implementou, e que exigia a existência de pessoas devidamente preparadas para as funções que desempenhavam, fossem de governo e administração, de ensino, de apoio social ou de visitação e acompanhamento espiritual. Naquele momento, em Genebra, Calvino tinha um grupo de pessoas diferenciadas, com preparação. Mas o que aconteceria nas gerações seguintes?

RUTE SALVADOR – Calvino e a Educação

Era necessário assegurar a continuidade e isso só poderia ser conseguido através de um ensino generalizado e de qualidade.

Um terceiro factor, que se pode relacionar com o primeiro, está relacionado com a forma de organização do culto, com grande centralidade na pregação, na homilia, momento de ensino por excelência, de carácter didáctico, que pretendia contribuir para a consolidação de uma fé informada e inteligente. Este era o momento central do culto dominical, mesmo quando havia celebração eucarística (Calvino não conseguiu, apesar dos seus esforços, que a Eucaristia fosse celebrada todos os domingos, apenas uma vez por mês). A par com a pregação, surge o método catequético que ajudava os cristãos a desenvolver alguma disciplina mental, a sistematizar conceitos e princípios (Toledo & Vieira, 2006).

Todos nós conhecemos as regras da comunicação: para que ela exista, o código utilizado pelo emissor, tem de ser compreendido pelo receptor. Ora, o que me parece que Calvino procurou fazer, para ter a certeza de que o povo compreendia os ensinamentos da Escritura, foi algo de inovador: em vez de baixar a fasquia dos mestres, dos pregadores, em vez de lhes pedir para simplificarem a linguagem para que o povo entendesse, procurou elevar o nível de instrução daqueles que ouviam e aprendiam, para que pudessem compreender o que era pregado e ensinado, para que pudessem ter pensamento crítico, para que possuíssem uma fé informada, com base no conhecimento. E esta é uma diferença fundamental! Não é a mensagem que se simplifica, são as pessoas do povo que, mais instruídas, podem melhor compreendê-la e integrá-la nas suas vidas.

Também a qualidade da instrução, que Calvino acreditava ser imprescindível, acabou por se constituir como um factor propulsor da educação. Muitos eram os que vinham de toda a Europa para a Academia de Genebra, a fim de aprender, com os melhores, os ensinamentos que a Reforma apregoava. A esta qualidade e abrangência da educação ministrada em Genebra não é alheia a ideia, defendida pelo reformador, de que não existe qualquer conflito entre ciência e religião. Se tudo foi criado por Deus, então tudo deve ser estudado e conhecido, para mais nos podermos aproximar da sabedoria divina (Link, 2007). Nada é desprezado ou colocado de lado, pois o conhecimento devia ser desenvolvido em duas vertentes muito claras: o conhecimento de Deus e o conhecimento do Homem.

Isto dito, é fácil compreender que, onde quer que surgisse uma igreja reformada, havia solo fértil para a educação: frequentemente, ao lado das igrejas eram construídas escolas. Esta concepção e este modelo

de educação foram-se espalhando pela Europa (sobretudo central e do Norte), levados pelos “discípulos” de Calvino: na Escócia, com John Knox, mas também na Holanda, na Inglaterra, na França (com os huguenotes), etc. De alguma forma, este facto pode fazer-nos levantar algumas questões relacionadas com as diferenças de nível cultural que se fazem sentir, ainda hoje, entre esses países e os da Europa do Sul, onde a Reforma foi impedida de chegar e, com ela, a educação acessível a todos.

Muito do que Calvino implementou ainda se pode reconhecer nos sistemas e métodos de ensino existentes nos nossos dias. O ensino básico tinha sete níveis, com turmas de dez alunos, com um horário detalhado para cada dia, que incluía diariamente uma hora de canto (os salmos eram aprendidos pelos mais novos, que os ensinavam aos adultos, e eram depois cantados nos cultos, como forma de divulgar e de ajudar a aprender a palavra de Deus) e uma hora de leitura do Novo Testamento em grego todos os Sábados, entre muitas outras coisas. A presença nos cultos, ao Domingo, era obrigatória para toda a população (até mais do que uma vez no mesmo dia). A disciplina era essencial, e a assiduidade um ponto importante. As faltas às aulas eram imediatamente comunicadas pelos professores aos seus superiores e os alunos eram punidos, muitas vezes, em público. Dos métodos faziam parte, como ainda hoje, o ensino da gramática, a leitura, a memorização e, ainda, recitar e copiar. Num nível um pouco mais avançado, desenvolvia-se o pensamento crítico e a capacidade de expressão e de argumentação: faziam-se debates, falava-se em público, escreviam-se ensaios, etc. (Toledo & Vieira, 2006).

Tudo estava programado para, de forma gradual, formar a capacidade de pensar, de expor e de argumentar naqueles alunos, formando simultaneamente cidadãos cuja vida fosse congruente com os princípios cristãos.

Conclusão

Resumindo, em Calvino, a educação perseguia um objectivo último, a salvação pelo conhecimento de Deus, mas pretendia incluir uma reforma de carácter, uma base de sustentação intelectual e ética para o povo de Deus, para o povo, realmente, cristão. Desta concepção, a nossa herança “ocidental” é grande, mas a sua origem é desconhecida da maioria.

Apesar disso, a educação continua a ser a pedra de toque da socie-

RUTE SALVADOR – Calvino e a Educação

dade que se quer crítica e esclarecida e das igrejas, cada vez mais, sejam elas de que denominação forem... a bem de uma fé consciente, inteligente, tolerante, capaz de acolher e de compreender, pela RAZÃO e pela GRAÇA, os ensinamentos e a vontade de Deus.

Referências

- CAMPOS, H. C. (2000). A “Filosofia Educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra, *Fides Reformata*, 5(1).
- GREGGERSEN, G. (2002). Perspectivas para a Educação cristã em João Calvino. *Fides Reformata*, 7(2).
- LINK, C. (2007). Calvin between humanism and discipleship. *Reformed World*, 57(4), 251-263.
- TOLEDO, C.A.A. & Vieira, P.H. (2006). João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI. *Acta Scenciarumi. Human and Social Sciences*, 28(2), 191-199.